

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

CLAUDIA REGINA DE SOUZA

CRIANÇA A GENTE NÃO ESCOLHE, A GENTE ACOLHE

Rio de Janeiro

2012

CLAUDIA REGINA DE SOUZA

CRIANÇA A GENTE NÃO ESCOLHE, A GENTE ACOLHE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Esp. Jayna Cosmo

Rio de Janeiro

2012

So895c Souza, Claudia Regina

Criança a gente não escolhe, a gente acolhe / Claudia Regina Souza. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2012.–
38 p.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2012.

Orientador: Profa. Esp. Jayna Cosmo

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação. 4. Educação Infantil.
5. Acolhimento. 6. Profissional de Educação Infantil. 7. Família. I.Título. II.
Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

CLAUDIA REGINA DE SOUZA

CRIANÇA A GENTE NÃO ESCOLHE, A GENTE ACOLHE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em novembro de 2012.

EXAMINADORES

Profa. Esp. Jayna Cosmo
Orientadora

Profa. Dra. Cristina Laclette Porto

Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Esta obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2012.

CLÁUDIA REGINA DE SOUZA

Dedico este trabalho aos meus filhos Enzo e Erike e ao meu companheiro e marido Rinaldo, por terem me ajudado e compreendido a vencer mais essa etapa da minha vida.

À Mayara, uma criança muito especial, que me inspirou para a realização desta pesquisa.

Aos meus pais (*in memoriam*) que com certeza ficariam orgulhosos por mais essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças e oportunidade de conquistar mais esse espaço.

Às muitas pessoas que colaboraram para que a conclusão deste trabalho se realizasse.

A minha amiga e Professora Bruna Danielle, que fez a minha inscrição no curso do ISEPS, sem o meu conhecimento.

A todos os meus familiares que me apoiaram, nessa difícil missão, presenciando, convivendo e me ajudando na luta do dia a dia, especialmente a minha irmã e madrinha Erenice, que sempre esteve ao meu lado.

Às companheiras de trabalho, Professoras Michele e Tia Tereza.

À Lidiane e Dora, que me ensinaram a dar os primeiros passos na Educação Infantil, a minha inseparável amiga, Professora Norma Sueli, que sempre esteve do meu lado e ao Professor Antonio Julião, pelo seu exemplo, pelo seu modelo como professor.

Aos meus colegas de trabalho que, direta e indiretamente, contribuíram para o meu aprendizado, com as suas reflexões, opiniões e críticas.

Aos meus professores do curso do ISEPS, que, com muita paciência e dedicação, fizeram uma transformação na minha vida profissional e pessoal.

Aos meus colegas de turma, que com muita força e união enfrentaram comigo essa difícil batalha.

Aos meus vizinhos de Senador Camará, que cuidavam dos meus filhos na minha ausência.

E, um especial agradecimento às diretoras Carla Cristina P. Madeira, Roberta Madeira e Margarida Frazão, que sempre me incentivaram, respeitaram e reconheceram o valor do meu trabalho.

“... é fundamental que se conheça e entenda a criança como pessoa de sentimentos, vontades, desejos e necessidades, sobretudo com direitos, e deveres para, a partir de tais considerações, agir sobre ela de forma que possa contribuir para o seu desenvolvimento, sendo que a relação entre criança, família e escola deve ser dinâmica e verdadeira, caracterizando-se pela participação dos educadores e dos responsáveis, sem deixar de conhecer e reconhecer sua historia de vida.” (Lima, 2010, p.32)

RESUMO

Esta pesquisa é o resultado da observação de situações de conflito com as quais a autora viveu, conviveu e presenciou em sua prática pedagógica, na Educação Infantil. O estudo analisa a importância de um adulto como referência de vínculo e a rotina como facilitadora no processo de adaptação da criança. Apresenta a fundamentação teórica para entender o desenvolvimento das crianças, respeitando as faixas etárias e as diferentes etapas de vida da criança.

Palavras-chave: Educação. Educação Infantil. Acolhimento. Profissional de Educação Infantil. Família.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 3 ANOS	13
1.1 Fase Oral - Faixa Etária (0 a 1 ano de idade)	13
1.2 Fase Anal – Faixa Etária (2 a 4 anos de idade)	14
1.3 Construção da inteligência segundo Piaget	16
1.3.1 Sensório Motor - Faixa Etária (0 a 2 anos de idade)	16
1.3.2 Pré - Operatório - Faixa Etária (2 a 7 anos de idade)	17
1.4 O Desenvolvimento Psicológico da criança segundo Margareth Mahler	18
1.5 O uso de objetos na adaptação de crianças na educação infantil	22
2 ACOLHER, UM ATO DE AMOR	24
2.1 Metodologia – Afetividade no olhar	24
3 LUGAR DE TRANSFORMAÇÕES E SONHOS	27
3.1 Minha vida na educação infantil	27
3.2 O trabalho na creche	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

Nesta monografia apresento o meu estudo sobre acolhimento e afetividade. A escolha desse tema surgiu após ter vivido duas experiências bem marcantes na minha vida profissional. A primeira foi quando trabalhei numa turma de berçário I, no ano de 2007, com crianças na faixa etária de três a doze meses (um ano) de idade, onde cumpria a licença médica de uma colega.

Foi um período curto, mas que parecia uma eternidade, pois era mês de março, período de adaptação das crianças. Eram muitos bebês chorando ao mesmo tempo e quando uns paravam de chorar, outros começavam e eu ficava mais nervosa do que eles e acabava chorando junto. Para completar, a colega, que dividia a turma comigo, também não tinha muita experiência com essa faixa etária. A creche estava vivendo um momento difícil, com poucos funcionários, e tínhamos que trabalhar de qualquer maneira, tendo que nos ajustar à situação.

No ano de 2010, assumia uma turma de maternal I, de crianças na faixa etária de dois a três anos de idade, em que metade da turma era de alunos recém chegados à instituição. Por ser uma turma heterogênea, com crianças mais velhas e com a oralidade em desenvolvimento, achei que o processo não seria tão difícil. Mais uma vez me surpreendi, pois, apesar de serem crianças que já se comunicavam verbalmente, foi uma situação complicada, tanto para elas quanto para mim, que assumia uma turma com vinte e cinco crianças e, ao mesmo tempo, iniciava o curso no ISEPS (Instituto Superior de Ensino Pró-Saber). É claro que nem todas as crianças tinham a mesma dificuldade na adaptação e não se sentiam incomodadas com o afastamento de seus responsáveis. Fiquei curiosa com essa questão e por isso decidi me aprofundar neste tema. Por que umas se sentiam tão bem e outras tão incomodadas?

Foi um dos meus maiores desafios, uma difícil experiência! Tinha que acolher as crianças, os seus responsáveis, e ao mesmo tempo ter que adquirir conhecimentos muito rapidamente, para tentar resolver as situações. Foram vários fatores que me incentivaram e aumentaram a minha curiosidade de entender porque as crianças, principalmente os bebês, choravam tanto, quando

estavam em companhia de outras pessoas que não fossem seus responsáveis, principalmente a figura materna, que é uma presença muito forte na vida delas. Presenciei muitas situações de crianças que, quando se afastavam das mães, se sentiam muito inseguras e angustiadas.

Quando eu era adolescente, cuidava de meus sobrinhos para as minhas irmãs trabalharem, e mesmo sendo a tia deles não excluía o fato de sentirem a falta de suas mães e de muitas vezes ficarem angustiados na ausência delas. E com meus filhos não foi diferente. Os problemas ficaram ainda mais difíceis. Precisava trabalhar e tinha que deixá-los com alguém que cuidasse deles. Era muito choro de ambas as partes, mexia muito com o meu emocional e de toda a minha família. Não tinha noção do que podia fazer para reverter àquela situação. Tive que contar com o fator tempo e as experiências de algumas pessoas que sempre me diziam a mesma coisa: “eles vão se acostumar, não há nada que possa fazer. O tempo é o melhor remédio”. Será que não havia nada que podia fazer mesmo? As crianças têm que se sentir incomodadas, e os responsáveis tem que ignorar a situação, sem poder fazer nada?

Para realizar a pesquisa me instrumentalizei metodologicamente por meio de observação, registro e reflexão, aprendidos nas aulas da Professora Madalena Freire.

Essa monografia é constituída dessa introdução, três capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo, estabeleço um diálogo com os teóricos, sobre o desenvolvimento da criança, para fundamentar a pesquisa, trato dos procedimentos metodológicos, que utilizei para realização desse trabalho e aponto questões referentes ao acolhimento e à rotina na Educação Infantil. No segundo, falo da minha prática e contextualizo o trabalho na creche. Finalmente, no último capítulo, Considerações Finais, faço uma reflexão crítica sobre algumas mudanças recentes e busco propor um caminho para os profissionais da Educação Infantil.

1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 3 ANOS

Para Freud, existem três fases para se entender o desenvolvimento da criança: Fase oral correspondente às crianças de 0 (zero) a 1 (um) ano de idade; Fase anal de 2 (dois) a 4 (quatro) anos de idade e a Fase Fálica de 4 (quatro) a 06 (seis) anos de idade.

1.1 Fase Oral - Faixa Etária (0 a 1 ano de idade)

A fase oral é a do prazer, da sensibilidade. O prazer vem pela boca, e é através da fase oral que a criança forma vínculos, e entra em contato com o mundo. Ela é a fonte do prazer e da sobrevivência, pois é através da boca que se introduz a alimentação. Podemos dividi-la em dois movimentos: ativo e passivo: "... além da necessidade física de alimentação, a criança sente um grande prazer no ato de mamar em si. Mesmo depois de satisfeita, ela continua a sugar a chupeta."(RAPPAPOT, FIORI, DAVIS, 1981, p. 37)

Nesta fase as mordidas são muito comuns. Quando morde, a criança sente o prazer e o poder, descarrega uma agressividade. É importante nessa fase deixar a criança mastigar, colocá-la para morder algum objeto estimulante. Geralmente, ela morde pessoas significativas e não, qualquer pessoa. Não se deve bater nunca na boca de uma criança. É por ela que a criança se alimenta, se expressa e demonstra as suas sensações, além de ser uma fonte de conhecimento. É pela boca que a criança conhece o mundo, fazendo experimentações dos objetos.

Observei que as crianças, mesmo após a alimentação, gostavam de usar objetos como chupeta, dedo, lençóis ou alguma peça que lembrasse a presença da mãe e a levavam até a boca. O fato de sugar e até fazer um pequeno barulho era como um acalanto para as crianças; algumas utilizavam mais de uma chupeta ao mesmo tempo: uma na boca, outra para cheirar, e outra para acariciar partes do corpo.

Para mim, era muito estranho, sem falar que as chupetas estavam bastante danificadas, mas, para aquelas crianças, estavam perfeitas, pois traziam o "cheiro" de sua casa, de sua relação com sua mãe. Outro objeto

muito comum eram os dedos que acabavam ficando afinados de tanto usar. Eram prazeres que faziam essas crianças se sentirem muito mais tranquilas e seguras.

1.2 Fase Anal – Faixa Etária (2 a 4 anos de idade)

O interesse passa da boca para o anus e nesse período inicia-se a fala, o andar. É a fase do controle dos esfíncteres e do nascimento do mundo simbólico. “Quando o desenvolvimento é normal, ou seja, quando a criança ama e sente que é amada pelos pais, cada elemento que a criança produz é sentido como bom e valorizado”.(RAPPAPORT, FIORI, DAVIS, 1981, p. 40)

A criança não tem noção de higiene e brinca com as fezes; tem prazer em reter e soltar as suas necessidades; sente-se potente, quando consegue controlá-las e aprende que as fezes são o primeiro produto que sai de dentro dela. O menino acha que o cocô e o pênis são a mesma coisa. Precisam de orientação para saber que, assim como o pênis, o cocô é algo dele, porém, as partes “coladas” ao seu corpo não caem. Costumam demorar mais a controlar os seus infecteres, pois tem medo de fazer as suas necessidades, por pensarem que o seu órgão genital vai cair. Cabe ao adulto, com muito cuidado, orientá-lo na sua higiene.

O período do desfralde é um momento muito delicado, tanto para a criança quanto para quem cuida dela, há que se ter muita paciência e compreensão. Algumas se sentem inseguras para utilizar o banheiro e sentar no vaso sanitário. Por isso, é importante oferecer um ambiente agradável que transmita segurança, gerando autonomia na utilização do banheiro. Quando conseguem construir essa dependência, sentem-se orgulhosas e felizes com o feito, de forma bastante significativa.

Dentre os produtos que a criança elabora, as fezes assumem um lugar central na fantasia infantil. São objetos que vem de dentro do próprio corpo, que são, de certa forma, partes da própria criança. São objetos que geram prazer ao serem produzidos. (RAPPAPORT, FIORI, DAVIS, 1981, p. 39.)

Observo que as crianças conversam com suas fezes como se estivessem falando com um ser humano, dão-lhes vida, não tem aversão, querem brincar e até compartilhar com seus colegas. O mais interessante é

quando estamos no banheiro e ao darmos descarga, e acenam dando tchau, “entendendo” que as fezes estariam fazendo uma longa viagem. A construção desse sentimento só é possível, quando estabelecemos bons relacionamentos na nossa vida afetiva.

Certo dia, uma das crianças da turma de maternal I, demorava um tempo no banheiro e um dos educadores foi verificar o que estava acontecendo. Ao chegar ao local, ela estava sentada no chão, admirando o seu “produto” . O educador, muito assustado, advertia a criança, dizendo que não se brincava com as fezes, mas a criança, no mesmo instante e em poucas palavras, disse que não era cocô e sim parabéns. Chegamos à conclusão de que era um bolo de aniversário e tivemos uma longa conversa, explicando-lhe que as fezes, apesar de serem dela, não eram para fazer certos tipos de “atividades” e parece que fomos compreendidos. Essa mesma criança muito nos chamava a atenção, pois ela rejeitava fazer suas necessidades fisiológicas no vaso sanitário. Ao conversarmos com seu responsável, tomamos ciência de que ela não tinha o hábito de usá-lo em sua residência, e por isso tinha tanto medo.

Outro caso que muito me chamou atenção foi o de um aluno, nessa mesma faixa etária que gerou muitos problemas no seu período de desfralde. Essa criança, apesar da oralidade bastante desenvolvida, demonstrava um comportamento bastante perturbador e agressivo; não gostava de usar faldas, tinha pavor de usar o vaso sanitário e, ao fazer suas necessidades na cueca, gritava muito e tinha nojo de seu próprio produto. Essa foi uma situação que nos deixou intrigados. E, ao conversarmos com seu responsável, percebemos que a criança não era muito bem compreendida pela mãe, que, no entanto, na presença dos educadores, demonstrava ser atenciosa. Essa situação demonstra como é fundamental que o ambiente seja acolhedor e apropriado, pois, do contrário, a criança se sente incapaz de criar sua própria autonomia.

A creche deve estar sempre preocupada com o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo dos seus alunos, por isso deve procurar estar sempre atenta as suas necessidades, no individual e no coletivo, juntamente com seus familiares, para que as necessidades das crianças sejam atendidas. Por isso temos que ter muito cuidado em entender e compreender a vida delas, dentro e fora da instituição, para que assim possamos saber como proceder nos casos

de dificuldades. Todos os contatos sensoriais motores devem ser estímulos para o melhor desenvolvimento.

1.3 Construção da inteligência segundo Piaget

Para Piaget (2007), o desenvolvimento da criança está dividido por faixas etárias, nas formas de agir e pensar denominadas estágios ou períodos. Os elementos básicos para o desenvolvimento da criança são: maturação, estimulação do ambiente físico, aprendizagem social e tendência ao equilíbrio.

A maturação é um dos elementos básicos do processo de desenvolvimento. O amadurecimento biológico e psicológico acontece quase na mesma faixa etária, em crianças de culturas diferentes.

1.3.1 Sensorio Motor - Faixa Etária (0 a 2 anos de idade)

Segundo Piaget, as crianças correspondem através da visão e da sensação, mexendo com as pernas ou os braços, transmitindo sentimentos positivos ou negativos. Não há ainda a construção do objeto permanente, quando a mãe se afasta ela pensa que a mesma sumiu.

O bebê irá conhecer o seu próprio corpo, sentir emoções e conhecer o ambiente que deverá ser aconchegante e estimulador. É muito comum, nesse período, fazer com que a criança visualize a sua imagem no espelho, para que possa se identificar, se conhecer e diferenciar sua imagem dos demais objetos existentes ao seu redor. É um universo da motricidade sem palavras.

Representa a conquista através da percepção e dos movimentos de todo universo prático que cerca a criança. Isto é, a formação dos esquemas sensorio-motores irá permitir ao bebê a organização inicial do período, ele tenha condições de lidar, embora de modo rudimentar, com a maioria das situações que lhe são apresentadas. (RAPPAPORT,FIORI, DAVIS, 1981, p. 66).

O reflexo é um exemplo muito comum nesta fase. Quando a criança nasce, seus reflexos são lentos, pois tem poucos esquemas para desenvolvê-los; eles são acumulativos e vão aumentando, conforme são aplicados.

1.3.2 Pré - Operatório - Faixa Etária (2 a 7 anos de idade)

Nesta fase a criança consegue se expressar através dos jogos simbólicos e de outras brincadeiras. É o período do “faz de conta”. Quanto mais a criança brinca, mais inteligente ela fica. Nesse período as crianças usam a fantasia e a imaginação para representar a família, alguma situação do entorno em que vive ou do seu cotidiano. Através dessas representações elas procuram expressar seus sentimentos, angústias, medos, fantasias e traumas... Tudo quer saber, gosta de mentir, gosta de imitar a postura de alguém com que ela se vincula. A criança repete e para entender o que está vivendo gosta de ver várias vezes o mesmo filme e de brincar da mesma brincadeira. Mistura a realidade com a fantasia e surge o animismo - atribuições de características humanas aos animas e aos objetos. Conversam sozinhos, criam amigos imaginários, dialogam com os brinquedos, gesticulam e até representam situações inerentes ao seu cotidiano.

É muito comum, nessa faixa etária, o egocentrismo. A criança não consegue sentir a dor do outro; é egoísta, não conseguindo compartilhar ou dividir as coisas com o seu semelhante; quer ser o centro das atrações, o líder. O egocentrismo é caracterizado, nesta fase, pela incapacidade da criança de se colocar no lugar do outro. Além disso, não tem reversibilidade do pensamento e não entende que a mãe pode ser filha ou filho da avó, do avô. Acha que a mãe é só dela, pois seu pensamento é rígido. Tem dificuldades para acompanhar as mudanças das substâncias e não conseguem entender as metáforas ou duplos sentidos.

Temos que ter cuidado com o que falamos, como por exemplo, quando dizemos que alguém chegou voando, pois logo pensam que alguém estava literalmente voando como um pássaro. Nesse período, começa o desenvolvimento da linguagem que facilita o entrosamento e o diálogo com o outro e o meio em que vive. É o início da socialização das ações. Começa a imitar os sons, as falas e a desenvolver sentimentos interindividuais (simpatias e antipatias). A linguagem ajuda a organizar os seus pensamentos e “... a criança torna-se, graças à linguagem, capaz de reconstituir ações passadas sob forma de narrativas, e antecipar suas ações futuras pela representação verbal.” (PIAGET, 2007 p. 24)

Na minha prática, percebia como os jogos simbólicos estavam sempre presentes nas representações dos meus alunos, principalmente nas brincadeiras em que emergia o ambiente familiar. Algumas crianças brincavam de fazer comidinha e utilizavam as bonecas ou até os educadores para participar, ou então representavam a profissão que os pais exerciam. Eram situações que estavam sempre presentes nas suas brincadeiras em sala de aula. Também apareciam situações de conflito e, às vezes, não conseguíamos entender claramente o que queriam transmitir, mas que aparentemente era muito forte para elas.

É importante que o educador brinque, ocasionalmente, com seus alunos. Mas também é importante que o educador nem sempre interaja nas brincadeiras das crianças, funcionando neste momento como mero observador das ações infantis. É através dos estímulos e participação nos jogos simbólicos, que surgem as fantasias e as representações de seus convívios familiares. Essa brincadeira de representação ajuda a suprir a falta da família. Cabe ao educador, nesse momento, interagir com a criança, brincando ou somente observando, para assim conquistar a confiança e também entender o funcionamento familiar em que ela se encontra.

1.4 O Desenvolvimento Psicológico da criança segundo Margareth Mahler

Separação é a saída da criança da fusão simbólica com a mãe, o nascimento. Individuação é o desenvolvimento da criança, que começa a assumir suas próprias características, sua identidade.

O nascimento biológico do homem e o nascimento psicológico do indivíduo não coincidem no tempo. O primeiro é um evento bem delimitado, dramático e observável; o último, um processo intrapsíquico de lento desdobrar. Este processo denomina-se processo de “separação e individuação”: a criança se percebe como ser estacado do mundo, e ao primeiro e principal representante do mundo para a criança: sua mãe. (MAHLER, 2002, p. 80)

Esses processos estão divididos por duas fases; autismo normal e simbiose normal e estão subdivididos em quatro subfases: diferenciação, treinamento, reaproximação, início da consolidação e constância do objeto afetivo.

No *Autismo Normal*, de 0 a 2 meses de idade, as características são: sonolência a criança que não diferencia a noite do dia; reage às sensações do corpo, fome, frio, mal estar; começa a reagir os estímulos externos e tem a necessidade do diálogo e de acolhimento.

Na *Simbiose*, de 3 a 5 meses de idade, existe a necessidade da criança viver com a mãe, porém, a necessidade da mãe em relação a criança é relativa, podendo existir uma terceira pessoa. No momento da amamentação é fundamental o olhar, o toque, o olho no olho, passar segurança e tranquilidade, conversar, ouvir ou cantar músicas suaves.

Na subfase *Diferenciação*, de 5 a 8 meses de idade, a criança começa a tocar no que está ao seu redor, a afastar-se do colo da mãe e a perceber o “mundo” a sua volta, mexer em tudo que vê e compará-las com as de sua mãe. Deslocando-se corporalmente, quer ir ou não com alguém. Quanto maior a confiança básica, melhor é a relação da criança com estranhos.

A subfase *Treinamento*, período que vai de 09 a 18 meses, divide-se em dois tempos; no primeiro, a criança vai para o chão e começa a se soltar, fica de bruços e sustentar o seu corpo, inicia o engatinhar, tem a necessidade de se reabastecer, sai e depois volta para junto da mãe, não suporta ficar muito tempo longe da mesma, faz suas escolhas com quem quer ser cuidada. No segundo tempo a criança começa ficar de pé, a andar e logo quer correr, não tem medo do perigo, tudo quer tocar e levar a boca. Ao ficar em pé tem um novo contato visual com o mundo, o que avistava debaixo para cima agora tem um novo contato mais amplo na horizontal, começa aceitar as outras pessoas, mas precisa de um adulto significativo.

Na subfase *Reaproximação* vai dos 19 aos 24 vinte meses de idade. Por volta da metade do segundo ano de vida, o bebê transforma-se num *toddler* (entidade individual separada), cada vez mais consciente e fazendo uso cada vez maior de seu desligamento físico. Entretanto, lado a lado com o crescimento de suas faculdades cognitivas e da diferenciação crescente de sua vida emocional, ocorre uma diminuição sensível de sua impermeabilidade à frustração, assim como um decréscimo do relativo esquecimento da presença da mãe. Pode-se observar uma ansiedade de separação aumentada, que de início consiste principalmente em um medo de perder o objeto, inferido por meio de vários comportamento da criança. (MAHLER, 2002, p. 84).

Nesse período a criança começa a andar, numa máxima potência, inicia-se a memória junto com a representação mental, nasce a fala, surgem os jogos simbólicos. A criança se sente impotente em relação ao seu objeto permanente (mãe ou quem a cuida). Aumenta a ansiedade de separação, tem medo de perdê-la, gosta de se esconder, mas logo quer encontrar o seu objeto de permanência. A criança se sente onipotente, acha que tem autonomia e quer fazer tudo sozinha: correr andar, comer, conquistar seus espaços.

É uma fase da ambivalência. Têm a sensação de perda ou ausência da mãe e inicia-se uma impotência e, para suprir a falta, ela fica inquieta e muitas vezes faz birras. Para suportar essa ambivalência, a mãe tem que ser potente e tolerável para saber conduzir e controlar essas situações. Os jogos simbólicos, assim como a contação de histórias, muito auxiliam as crianças a tolerar a ausência da mãe, pois essas representações as transportam para uma fantasia, satisfazendo as suas necessidades e propiciando um relacionamento afetivo com quem participa.

É fundamental, nesse período, que a mãe dialogue com seu filho, seja atenciosa e carinhosa, não necessariamente que o “devore”, sem deixá-lo respirar, mas que seja compreensiva, pois assim facilitará a sua autonomia o seu desenvolvimento cognitivo e ajudará a sua inserção no ambiente escolar.

Entretanto, quando menos emocionalmente disponível for a mãe na época da reaproximação, mais insistente e até mesmo desesperadamente vai o filho esforçar-se por conquistá-la. Em alguns casos, esse processo emprega uma quantidade tão grande da energia que a criança dispõe para promover seu próprio desenvolvimento que, como resultado, não sobram energia, libido e agressão (neutralizada) construtiva suficiente para a evolução das várias funções ascendentes do ego. (MAHLER, 2002. p. 86)

Há casos de mães que não são tão atenciosas e carinhosas e a criança vai em busca de afetos. Pois o amor é igual tanto em relação à mãe que dá carinho quanto à outra que a maltrata. Mas a mãe que dá carinho é mais tranquila, segura e potente. Para suprir essas faltas ela entra no mundo simbólico, usando a ludicidade para criar situações de como elas gostariam que fosse o ambiente familiar, a sua vida, a sua realidade.

Na minha prática, por muitas vezes, presenciei as crianças brincando de fazer “comidinha” e sempre estavam querendo agradar um amigo ou mesmo a um educador, sem entender a insistência de dar a “comidinha” na boca de alguém. Isso me leva a entender que era assim que queriam que acontecesse

em sua realidade, pois alguns não tinham a devida atenção da família, muito menos uma alimentação adequada.

É difícil entender como uma criança, que não tem muito carinho da própria mãe, mesmo assim suplica pelo seu amor. É uma necessidade muito grande que a criança tem pelo carinho da mãe; é como uma dependência. Isso mostra que o ser humano tem necessidade de amar e ser amado.

Por isso a importância dos educadores terem sempre um olhar diferenciado e todo especial para elas, que tanto necessitam de sua ajuda. A função do educador é de ser mediador do conhecimento. O vínculo tanto com as pessoas como com o conhecimento só se torna positivo se a criança tiver alguém que as ofereça isso.

1.5 O uso de objetos na adaptação de crianças na educação infantil

Segundo Winnicott (1975), a mãe tem que ser “suficientemente boa”, não necessariamente a própria mãe, mas aquela que cuida. E, um meio usado pela criança de fazer a passagem do corpo materno para o mundo, é o apego a algo que lembre a mãe, quando os bebês ainda sentem muito a sua falta. São chamados pelo psicanalista de “objeto transicional”:

O objeto transicional representa o seio ou o objeto da primeira relação. O objeto transicional precede o teste da realidade estabelecida. Na relação com o objeto transicional, o bebê passa do controle onipotente (mágico) pela manipulação...” (WINNICOTT, 1975, p. 23)

Por isso é muito comum que a criança quando se afasta da mãe por um período, carregue consigo algum objeto que possa lembrar a mãe ou o ambiente familiar, algo que transmita segurança, que a faz acreditar que a família esteja bem perto. Esses recursos auxiliam bastante na adaptação das crianças, trazendo tranquilidade, conforto e segurança. É importante que o período de adaptação seja controlado e gradativo, pois a criança, de início, não suporta ficar muito tempo longe da mãe. Ela precisa acreditar e confiar que a mãe vai voltar, do contrário, a lembrança ou a representação interna dela ficam ameaçadas, entrando assim num processo de “negação”. Nesse caso, os objetos transicionais já não estão fazendo mais sentido e a criança fica

emocionalmente abalada. Não são todas as crianças que necessitam desses recursos, mas a grande maioria o utiliza como modo de acalanto.

Por muito tempo observei as crianças, com muitos objetos que chamávamos de “mania”, sem entender a importância que tinham para elas. Por não ter conhecimento do assunto, algumas situações que poderiam ter sido compreendidas acabavam ficando complicadas. Eu não entendia o porquê do apego que a criança tinha àqueles objetos e era difícil compreender tamanha dependência. Na minha prática, por várias vezes, não entendia a insistência em ficar com tantas chupetas, objetos de uso pessoais (trazidos de casa) como panos, brinquedos de pelúcia, lençóis e outros, que não fossem de uso escolar, e por nada queriam se desprender. O objeto mais difícil era a mochila, que, por muitas vezes, as crianças não queriam tirar por nada.

A dependência a esses objetos ficava mais evidente na hora de dormir, pois algumas tinham que repousar usando alguns deles ou talvez todos, mas o principal era a chupeta que, essa sim, era o objeto inseparável. Na turma tinha uma criança que utilizava um cordão com umas três ou quatro chupetas: uma para colocar na boca, outra para passar na ponta do nariz, outra para estar puxando o bico e uma de reserva. Era uma ansiedade muito grande, sem falar que eu não podia sequer colocar a mão em sua mochila. Seu descanso acabava ficando difícil e ela, muito agitada.

Percebi, através de muito estudo no Pró-Saber, a importância desses objetos no processo de adaptação das crianças. Fui deixando de lado minha ignorância e adquirindo conhecimento técnico, pedagógico a respeito do sujeito infantil. Não são “manias”, pelo contrário, são “peças” necessárias, objetos fundamentais na introdução da criança em uma realidade ainda desconhecida, que gera medo, angústia e desconforto.

2 ACOLHER, UM ATO DE AMOR

Observar, refletir, registrar, mudar o foco e adquirir um olhar apurado para entender e compreender o contexto social da família que teremos que acolher é fundamental.

2.1 Metodologia – Afetividade no olhar

Para realizar essa pesquisa meu primeiro passo foi observar a relação das crianças, quando se afastavam de seus responsáveis (principalmente das mães).

As observações foram ficando mais intensas ao presenciar as atitudes das crianças. Muitas demonstravam um comportamento agressivo e desesperador. A curiosidade foi aumentando para entender o motivo de tantas dificuldades no momento desse desligamento.

Comecei então a registrar as diversas situações que envolviam as relações entre a criança, a família e a escola. Busquei informações com os responsáveis para melhor conhecer e entender a criança que estávamos atendendo, para averiguar como poderíamos estar ajudando essas famílias. Os registros foram extremamente importantes para que pudesse refletir sobre o meu processo de ensinar e buscar orientações para tentar resolver essas situações.

Na época eu não tinha muitos conhecimentos para poder fundamentar e resolver os problemas em questão. Quando comecei a estudar no curso do ISEPS, muitas respostas foram solucionadas, mas também surgiram novas perguntas.

A partir das aulas das professoras Anna Maria Lacombe e Beatriz Cardoso, na disciplina de Desenvolvimento Lógico Afetivo Social da Criança, que comecei a questionar a minha prática diante dessas crianças. E assim, pude angariar informações para apoiar esta pesquisa.

Um fator problema em algumas instituições é a falta de constância de profissionais durante o período de adaptação da criança. Essa situação gera grandes conflitos, tanto para a criança que está sendo atendida, como para os

profissionais que estão atuando na turma. A criança necessita de uma referência, alguém que ela sinta segurança, confiança e que conheça seus hábitos, seus desejos, alguém que, por alguns instantes, ela imagina estar substituindo o lugar de sua mãe. A construção do vínculo no período da adaptação irá favorecer uma estadia saudável da criança durante sua permanência na creche.

O profissional que está na creche, quando não conhece a turma, encontra, de início, dificuldades na interação com o grupo e com cada criança individualmente e não sabe como desenvolver atividades com alguém que não conhece. Essa troca de educadores a todo o instante gera certo desequilíbrio no grupo e o desenvolvimento da turma fica aquém do esperado. O educador tem que conhecer o grupo no coletivo como também no individual e a rotina ajuda nesse processo.

A rotina é uma seqüência que dá a noção temporal e espacial, levando a criança a se situar, nas ações do cotidiano, organizadas no tempo e no espaço.

... a rotina é alicerce básico para que o grupo construa seus vínculos, estructure seus compromissos, cumpra suas tarefas, assumam suas responsabilidades para a construção do conhecimento possa acontecer. (FREIRE, 2008, p. 118)

Quando existe uma sintonia entre o educando e o educador, em que se estabelece uma relação de vínculos, esta favorece bons relacionamentos, a ambos, trazendo confiança e segurança para a vida na creche. Essa estrutura auxilia a criança a assimilar as articulações entre o tempo de cada atividade. É importante procurarmos manter as rotinas diariamente, pois as crianças estabelecem uma seqüência temporal e espacial sistematizando-a cronologicamente. Uma vez mudando-as, corremos o risco das crianças perceberem e automaticamente, mudarem suas ações. Quando mudamos a rotina por uma situação inusitada, ou emergencial, a criança logo se situa e dependendo da situação, fica inquieta, nervosa, agitada e modifica logo o seu comportamento.

Segundo Barbosa (2007), a rotina é um elemento estruturante da organização institucional e de normatização da subjetividade das crianças e dos adultos que freqüentam os espaços coletivos de cuidados e de educação.

3 LUGAR DE TRANSFORMAÇÕES E SONHOS

Para mim um dos maiores desafios seria entender como trabalhar com crianças tão pequenas. Como seria a nossa comunicação, o que fazer e como fazer?

Aos poucos, fui compreendendo a afirmação de que:

... é fundamental que o educador tenha as condições básicas e favoráveis para o desenvolvimento do trabalho nos ambientes escolares infantis, não apenas considerar o espaço físico ou materiais didáticos e pedagógicos como ferramentas de trabalho, os quais tem importância e finalidade específica, mas também, sobretudo, a formação desse profissional que deve ter, além de afeição por crianças, é claro, conhecimento amplo acerca do processo do desenvolvimento infantil, nas dimensões da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia, da Política, entre outros aspectos que dizem respeito à constituição e ao desenvolvimento do ser humano em sua plenitude.” (LIMA, 2010, p. 35).

3.1 Minha vida na educação infantil

No dia 11 de maio de 2006, ingressei numa creche da Prefeitura do Rio de Janeiro, por indicação de uma colega, que também trabalhava na mesma instituição. A direção precisava de um profissional com o perfil adequado para executar atividades que envolvessem expressão corporal e dança e não necessariamente ter formação de professor, o que, por sinal, foi um grande erro.

Não tinha noção de como seria o trabalho, nem o conhecimento pedagógico, necessário, mesmo porque, para meu conhecimento a creche funcionava somente para cuidar. Estava desempregada e a referência que tinha de trabalho era com crianças de 07 (sete) aos 18 (dezoito) anos de idade, quando atuava, anteriormente, em projetos sociais.

Por muitas vezes pensei em desistir, me perguntava como iria conseguir superar tantos obstáculos. Era muita responsabilidade, precisava ter muita paciência, cautela, formação e sabedoria. Era muito difícil lidar com crianças tão sensíveis, que não conheciam nada da vida. Estavam começando a se descobrir e muitos ainda não tinham uma oralidade desenvolvida. Éramos nós que iríamos apresentar o mundo para elas. Mas, apesar de tudo e de não ter

conhecimento do que estava acontecendo, algo muito me beneficiou: a necessidade, a vontade e o desejo de aprender sobre esses seres tão pequenos e indefesos e a curiosidade de conhecer o universo da Educação Infantil. Fui me encantando com tudo que foi sendo apresentado; o aprendizado passou a ser mútuo, na realidade, uma troca. Dia após dia, fui me surpreendendo com tudo que ia conhecendo e a cada dia aumentava a curiosidade em aprender e compartilhar o meu ensinar. Foi um processo difícil para quem não tinha conhecimento e nem formação. Na realidade, tive que fazer uma “faxina na alma”, pois trazia comigo um conhecimento rígido e autoritário, que não me deixava enxergar a criança como um ser pensante e que precisava ser ouvido. Mas era tanta alegria e carinho que esses pequenos me proporcionavam que, pouco a pouco, fui aprendendo que o mais importante não era só o cuidar. Tinha que participar, interagir e colocar para fora a criança que existia dentro de mim.

Sei que ainda tenho muito que aprender, pois o profissional tem que atuar, estar presente, adquirir e buscar conhecimentos todos os dias. São muitas situações difíceis que surgem no nosso cotidiano. É um desafio atrás do outro e temos que estar sempre preparados para poder resolver os obstáculos que surgem.

Mesmo com tantas dificuldades, é prazeroso poder compartilhar e saber que de alguma maneira, estarei significando algo de positivo na vida dessas crianças, trazendo esperança e mostrando que existe um mundo melhor, cheio de vida e amor, deixando profundas marcas na vida daqueles que passam pelas nossas vidas.

O curso no ISEPS muito me propiciou a me tornar um profissional capaz de fazer a diferença, com um olhar diferenciado para o seu aluno, construindo mais conhecimentos para que melhor possa desenvolver um trabalho digno, prazeroso e transformador e com habilidades para resolver e ter atitudes que, antes, sem informação e fundamentação, não podia assumir.

3.2 O trabalho na creche

O trabalho que apresentarei, mais especificamente nessa monografia, é o que realizo com crianças na faixa etária de dois a três anos de idade de uma creche da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

O critério adotado para as matrículas das crianças, nesta instituição é o sorteio executado pela SME (Secretaria Municipal de Educação). As inscrições são realizadas geralmente na própria instituição, no período em que a Secretaria Municipal de Educação determina. Não há preocupação com as necessidades individuais de cada família, pois segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a creche é um direito de todos.

A instituição está situada em um bairro carente da zona oeste da cidade, e atende às famílias que vivem em seu entorno. Sua prioridade é o bem estar e a auto-estima de seus alunos para um melhor desenvolvimento em seus aprendizados da vida social. Para isso, oferecemos um ambiente adequado e acolhedor.

No ano de 2006, quando comecei a trabalhar na creche e a viver todas essas situações, queria poder entender, por que tantas resistências ao novo, por que tantas inseguranças ao se afastar da família.

Na instituição que atuava, procurávamos, na medida do possível, seguir os Critérios de Atendimento às Creches (Brasil, 2009), estando sempre atentos a quaisquer irregularidades, mantendo contato com os responsáveis para comunicar-lhes como a criança passou no período em que permaneceu na instituição. Outra medida fundamental eram as entrevistas realizadas na inserção das crianças. Nelas procurávamos adquirir dados e informações para que pudéssemos conhecer melhor a criança e a família que iríamos atender. Porém, alguns familiares ocultavam informações importantes com receio da criança perder a vaga em consequência de problemas revelados. De qualquer modo, os históricos nos ajudavam a acolher a criança e a família. Muitos não compreendiam que essas informações não eram para qualificar ou discriminar o aluno e sim para facilitar o trabalho dos profissionais que iriam atendê-los. E que essa falta de informação poderia ocasionar constrangimentos e consequências muito ruins, como aconteceu com uma aluna cadeirante que, no ano de 2008, entrou na creche.

A mãe nos omitiu um grave problema. A menina, de apenas três anos de idade, havia passado por uma cirurgia, pois o seu aparelho urinário não

funcionava de forma adequada e ela tinha que usar um aparelho em forma de tubo, por onde fazia suas necessidades fisiológicas. Seus responsáveis não passaram nenhum tipo de informação para a direção. Foi uma surpresa constrangedora para toda equipe, quando tivemos que cuidar da menina na hora do banho. Ficamos desconsoladas e sem ação, ao nos deparar com aquela situação para a qual não tínhamos nenhum tipo de preparo ou conhecimento para lidar. Era tamanha responsabilidade e, ao mesmo tempo, não podíamos impressionar a criança com nossa reação de susto e surpresa. Tivemos que agir com naturalidade para que ela, que não tinha culpa de nada, não percebesse a nossa angústia. Por outro lado, percebi que a mãe se sentia culpada pelo problema que a filha se encontrava e acabava entrando no processo de “negação,” que é um mecanismo de defesa.

Também notei a grande dificuldade que as crianças demonstravam no momento da alimentação e ao repousarem. Já aconteceu de substituímos alguns alimentos, o que não era um procedimento normal, mas que foi adotado, porque não podíamos deixar a criança sem se alimentar. Mesmo assim, não tivemos bons resultados. Nesse caso, pedíamos o apoio dos responsáveis, para comparecer à instituição no horário da refeição (normalmente, esse procedimento acontecia no horário de almoço, das 10:30 h às 11:00 h), para nos ajudar com a alimentação das crianças. Essas e outras situações são parte do meu dia a dia na creche.

O intuito dessas tentativas é fazer com que a criança se acostume com a alimentação da escola, que tem um cardápio balanceado, saudável e adequado para as suas faixas etárias.

Outra situação que procuramos dar maior atenção é com os responsáveis que tem mais de um filho estudando na creche. Não entendendo que cada um tem seu tempo e seu processo de adaptação, o adulto “atropela” a criança, podendo comprometer seu vínculo com a instituição. Precisamos entender que as crianças são seres humanos pensantes com diferentes reações e atitudes e que possuem sentimentos próprios que demandam o olhar, a acolhida e o respeito do adulto.

É através de atividades cotidianas que procuramos buscar a construção de hábitos e a aprendizagem de regras e normas sociais que desenvolvam a autonomia e o cuidado das crianças consigo mesmas, com o outro e com o

ambiente que as rodeia. Temos espaços estimuladores, que valorizam a espontaneidade e oferecem condições para que as crianças aprendam, com desejo, prazer e satisfação.

“Tudo que fazemos aqui é pedagógico”, diz a diretora, desde a entrada até o final da rotina. A creche nos disponibiliza material adequado para que possamos desenvolver as atividades. Procuramos desenvolvê-las de acordo com as faixas etárias, executando um trabalho contínuo e integrado. Nossos espaços são bastante diversificados.

Na parte interna, temos salas de atividades temáticas; sala de teatro e contação de história, sala de expressão corporal, sala de vídeo, sala de jogos e brincadeira, bebeteca (espaço para escolher e manusear os livros que querem “ler”). Já na parte externa, temos o autódromo, parquinho, parque para bebês (onde trabalhamos os estímulos, percepções e coordenação motora). Na brinquedoteca, são realizados jogos simbólicos e através deles, observamos o convívio social, as frustrações, medos e fantasias. Existe ainda um amplo espaço em que o contato com a natureza é possível e incentivado por meio do cultivo de horta e do cuidado com animais.

Toda essa comodidade é para facilitar e ampliar o nosso trabalho, e oferecer bom desenvolvimento aos nossos alunos, para que assim possam ser preparados para enfrentar as próximas etapas da vida. O ambiente bem estruturado e apropriado torna-se acolhedor e facilita a criança na sua adaptação, fazendo com que ela se sinta confiante e segura, como se estivesse no ambiente familiar. Proporciona um convívio alegre, estimulante e lúdico. A apreciação e a execução musical é também um recurso bastante favorável na adaptação, desde que sejam selecionados estilos calmos e tranquilos, pois a música transmite acolhimento, paz e leveza.

Nestas atividades, o papel do educador é fundamental, intervindo de forma intencional, de modo a orientar o desenvolvimento das crianças. O tempo e a diversidade das atividades são fundamentais para o aprendizado, principalmente se os interesses, vontades, desejos e o nível de desenvolvimento de cada um são levados em conta, o que faz com que elas acreditem nos seus sonhos e nos seus potenciais.

Não é fácil adquirir tudo que queremos, mas não é difícil realizar os pequenos desejos do outro de querer alimentar-se adequadamente, de ser

recebido com um sorriso no rosto, com um bom dia, de ser ouvido, compreendido, atendido, amado, acolhido, de ter a higiene adequada e poder ter uns minutos de sono tranqüilo e de ser lembrado no seu aniversário. Fazer a diferença na vida dessas crianças é executar um trabalho digno e de qualidade sem medir esforços.

Atendemos um público bem diversificado na creche. A grande maioria é da própria comunidade, de classe social pobre, com uma formação familiar mono parental. As profissões mais observadas são: pequenos comerciantes (que trabalham ou tem pequenos negócios), moto-taxistas, empregadas domésticas, ambulantes, prestadores de serviços gerais, do lar e autônomos.

Grande parte dos responsáveis não está preocupada com o trabalho pedagógico realizado pelas profissionais. O que importa é saber se a criança está alimentada, se tomou banho, etc. Esta é uma visão reduzida e antiga do trabalho com crianças na Educação Infantil e acaba prejudicando o estreitamento dos laços entre família e escola. É claro que o cuidar faz parte do trabalho com crianças, porém, quando cuidamos estamos educando e quando educamos estamos cuidando.

Todo o trabalho da creche passa pelo cuidar e pelo educar. Não existe somente uma forma de olhar para a criança. Mesmo que as famílias não valorizem o trabalho pedagógico realizado, dando maior ênfase ao cuidado, é importante que elas se apropriem do fazer pedagógico que está sendo desenvolvido com seus filhos. Para isso, a professora precisa conquistar essa família, mãe, pai, responsável, mostrando o quanto o próprio filho se desenvolveu cognitivamente, emocionalmente, socialmente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desses anos que venho trabalhando em creches percebi que há muitos conflitos, que acabam desestruturando a família e conseqüentemente as crianças, tais como: brigas conjugais, separações, desentendimentos, violência doméstica, drogas e álcool. A criança fica no meio dessa confusão, sem ter recursos emocionais, sem saber lidar com essas situações.

Normalmente, essa é a criança que temos diante de nós: frágil, sensível, agressiva, irritada, inquieta, pois é a maneira que ela encontra para demonstrar toda sua angústia diante dos dramas que enfrenta cotidianamente em suas vidas. Ela traz consigo esses desequilíbrios que acabam refletindo no seu desenvolvimento. E o mais difícil é fazer com que os responsáveis entendam que esses tipos de problemas acabam mexendo com o emocional das crianças, deixando-as estranhas diante de algumas situações, desconfiadas e inseguras diante do outro.

Como profissionais, temos que estar atentos para poder acolher essas famílias e procurar entender e dar assistência a elas. No meio de tantos problemas, muitos responsáveis acabam esquecendo suas responsabilidades e delegando para a escola a função de cuidar e de educar seus filhos, como se a instituição fosse substituta da família.

Um exemplo claro é quando uma mãe, que já teve um filho matriculado na creche há algum tempo, retorna com outro filho. Depois de algum tempo a ela deixa de se preocupar em tomar conhecimento sobre o funcionamento da instituição. A impressão que me dá é que elas não entendem que cada filho é único, singular, com suas necessidades específicas. O primeiro pode ter tido uma adaptação saudável ou não, mas o próximo, sendo diferente, provavelmente terá outra experiência na relação com aquele lugar, com aquelas pessoas. Por isso, se houve uma troca de gestão, de educadores, de espaço físico, a mãe deve perguntar e se colocar como alguém que está confiando a alguém seu bem mais precioso.

Observei que as crianças que não tem muito carinho afetivo da família, também não querem ficar longe delas e sentem muito a sua falta. Outras nem tanto e até preferem ficar na instituição. É um trabalho constante que nós

educadores temos que fazer para que as famílias estejam mais presentes na educação e no desenvolvimento de seus filhos. Uma pequena parte dos responsáveis demonstra interesse e curiosidade em conhecer as dependências da instituição. Procura ter um bom relacionamento com a escola e com os profissionais que nela atuam; estando sempre presente e bem informada de tudo o que está acontecendo na instituição e com a criança. Para esses responsáveis, o processo de adaptação, o desenvolvimento e o aprendizado das crianças será muito mais saudável e prazeroso, pois a família tem que se sentir segura e confiante com o trabalho realizado e desenvolvido, para passar segurança e facilitar nosso trabalho. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), inclusive, recomenda que:

O bom relacionamento entre pais, educadores e crianças, é fundamental durante o processo de inserção da criança na vida escolar, além de representar a ação conjunta rumo à consolidação de uma pedagogia voltada pra infância. A instituição de Educação Infantil deverá proporcionar às crianças momentos que a façam crescer, refletir e tomar decisões direcionadas ao aprendizado com coerência e justiça. (BRASIL, 1996)

Nos casos das reuniões, que são extremamente importantes, as presenças são irregulares. Antes eram periódicas e tínhamos oportunidades de estar junto com os responsáveis e tratar de todos os assuntos relacionados aos educandos, nos aspectos afetivos, sociais e cognitivos, ouvindo e procurando ajudá-los na medida do possível. Ao mesmo tempo, estávamos mais unidos, o que facilitava o entrosamento entre pais e educadores. O encontro era realizado em sala de aula com a equipe que atende a turma e o foco principal era relatar o desenvolvimento e o aprendizado da criança e as questões que estivessem pendentes. Um dos assuntos que sempre estavam em nossas pautas era o trabalho que desenvolvíamos na instituição, pois alguns responsáveis não tinham idéia, ficando surpresos com o desenvolvimento dos filhos e até dos bons hábitos, costumes e comportamento que demonstravam dentro da instituição, pois pensavam que as crianças iam para a creche somente para brincar, comer e dormir, sem nenhum objetivo. Passavam a entender que, através das brincadeiras, as crianças estão num processo contínuo de aprendizagem e organização interna, além de ser também uma comunicação, uma expressão daquilo que estão apreendendo do mundo.

Atualmente, as reuniões que tanto favoreciam o entrosamento entre escola e família estão voltadas para a frequência escolar, aos auxílios de benefícios e assuntos restritos e irrelevantes. São realizadas de forma coletiva, aos sábados, para favorecer os responsáveis que trabalham. São coordenadas pela direção, que faz um levantamento do diagnóstico da turma. No entanto, melhor seria que a equipe, incluído os professores, as conduzissem.

Para a Secretaria Municipal de Educação (SME) a presença destes profissionais nas reuniões pedagógicas não é considerada importante e sim a presença dos responsáveis, com as devidas assinaturas e com a frequência das crianças. Hoje, as reuniões, em algumas instituições, deixaram de ser pedagógicas e passaram a visar os interesses políticos. O que antes era pedagógico agora virou burocrático.

A direção da creche não aprova esse procedimento, pois para ela também seria mais conveniente e adequado se continuassem com os educadores da turma, transmitindo para os responsáveis o desenvolvimento da criança e o trabalho realizado.. Porém, vários fatores contribuíram para essa mudança, inclusive as transformações sofridas na Educação Infantil, com a entrada dos Auxiliares de Creche e os professores de Educação Infantil.

Antigamente a direção, juntamente com profissionais da saúde, promovia palestras, nas áreas odontológica, serviços sociais e ginecologia. Alguns responsáveis não entendiam a importância da parceria comunidade x escola, porém, a maioria, estava sempre disposta a participar e ajudar nos acontecimentos vinculados à instituição e à comunidade. A escola procurava trazer alguns benefícios aos quais determinados responsáveis não teriam acesso ou condições de utilizar.

Esses benefícios proporcionavam um maior entrosamento entre a escola e a família, fazendo com que estreitassem as suas ligações para um melhor conhecimento da comunidade atendida. A direção e a sua equipe eram reconhecidas no bairro como verdadeiras autoridades. Assim que assumiu a direção da creche, no ano de 2004, por não ser residente do bairro e não conhecer seu público, a diretora resolveu fazer, pessoalmente, o reconhecimento do bairro, da comunidade do local. Até mesmo algumas visitas domiciliares foram realizadas para conhecer o público que iria atender e saber o que poderia oferecer a sua clientela. E foi assim, com muito cuidado,

carinho e dedicação, que a creche percebeu as necessidades da comunidade, procurando criando situações para melhor atender e acolher os seus responsáveis.

Infelizmente, por estar situada numa área conflagrada, nem sempre a creche pode promover acontecimentos para melhor mudar o olhar do público. Mas, mesmo assim, não deixa de acreditar que a cada dia está fazendo a diferença na vida desse povo, elevando sua autoestima, fazendo-o respeitar o próximo e as futuras gerações, para que sejam pensantes e conscientes de seus direitos e deveres.

Esta pesquisa procurou contribuir para alertar sobre a questão da formação dos profissionais para melhor atender as necessidades das crianças, principalmente no período de inserção nas instituições na modalidade creche, no período de acolhimento. É importante que o profissional tenha consciência do seu processo de formação e procure instruir-se para melhor desenvolver o seu trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/96 art. 29, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 01/11/2012.

_____. Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>>. Acesso em: 01.11.2012.

FREIRE, Madalena. **Educador**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LACOMBE, Anna Maria. **O Nascimento psicológico da criança** (apostila). Rio de Janeiro: [S.n. 20--].

LIMA, Lilian; CAMPOS, Gleisy. **Por dentro da Educação Infantil: a criança em foco**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

MAHLER, Margareth S.; PINE, Fred; BERGMAN, Anni. **O Nascimento da criança: simbiose e individuação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2007.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Claudia. **Psicologia do desenvolvimento: teorias do desenvolvimento conceitos fundamentais**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1981.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.